CONSTRUCTOS IDENTITÁRIOS ENTRE OS CONCEITOS DE REALEZA DE TEMÍSTIO E AMIANO MARCELINO (SÉC. IV D.C.)

Bruna Campos Gonçalves[1]

RESUMO: No contexto da Antiguidade Tardia, observamos os ideais de Realeza que se propagaram no Império Romano no século IV d.C., mais especificamente, nos relatos de dois autores que partilharam dos acontecimentos políticos ocorridos entre os governos de Constâncio II a Teodósio (337-395 d.C.), sendo eles: o filósofo Temístio (317-388 d.C.) com seus discursos políticos; e o militar Amiano Marcelino (325/330-395 d.C.) com sua obra Res Gestae. Ao longo de nossa pesquisa, buscamos observar as características de cada autor, e confluímos suas experiências de vida para encontrarmos os pontos convergentes e divergentes de seus conceitos em torno das responsabilidades Imperiais. Assim, em um momento de grande efervescência sociopolítico-cultural, dois autores não cristãos escrevem seus trabalhos, com o intuito de relembrarem seu público à importância das virtudes e para tanto se baseiam em exemplos da tradição clássica; da mesma forma percebemos outros elementos que permeiam a estrutura de bom governante de ambos: Temístio e Amiano Marcelino.

PALAVRAS-CHAVE: Antiguidade Tardia; Realeza; Temístio; Amiano Marcelino.

ABSTRACT: In the context of Late Antiquity, we observe the ideals of Royalty which spread throughout the Roman Empire in the 4th century, especially the reports of two writers who shared political events which occurred between the governments of Constantius II and Theodosius (337-395 AD), they are: the philosopher Themistius (317-388 AD) with his political speeches and the military Ammianus Marcellinus (325/330-395 AD) with his work Res Gestae. Throughout our research, we aimed to observe the characteristics of each writer and merge their life experiences to find the convergent and divergent points of their concepts around the imperial responsibilities. Thus, in a time of great socio-political and cultural excitement, two non-Christian writers write their papers in order to remind their audience of the importance of virtues and, because of that, both of them base themselves in examples from the classical tradition; the same way we perceive other elements that permeate the structure of both good rulers: Themistius and Ammianus Marcellinus.

KEYWORDS: Late Antiquity; Royalty; Themistius; Ammianus Marcellinus.

Considerações Preliminares

Em nossa pesquisa de Mestrado, tivemos como impulso inicial entender e interpretar os conceitos de Realeza de dois autores, a princípio, muito distintos por se tratar de um filósofo da corte imperial e um militar especialista no serviço de

[1] Doutoranda em História, UNESP/Franca. Este trabalho contou com o apoio da FAPESP.

Inteligência e na arte bélica, são esses, a saber: Temístio e Amiano Marcelino. O primeiro acompanha de perto os governos de Constâncio II a Teodósio; já o segundo, combateu ao lado de Constâncio II e Juliano com o cargo de *Protector Domestici*,[2] entretanto, em sua narrativa, *Res Gestae*, descreve os feitos militares de outros imperadores como Joviano, Valentiniano I, Valente, Graciano e Valentiniano II. Vimos no decorrer de nosso estudo muito mais que diferenças entre os autores, notamos semelhanças entre eles. O que nos levou a pensar nos constructos identitários que entrelaçam esses dois pensadores tardo-antigos.

Além de termos comparado os conceitos de Realeza esboçados pelos autores escolhidos, procuramos ver como tais pensamentos foram utilizados nas análises dos governos dos imperadores Joviano[3] (363-364 d.C) e Valentiniano I[4] (364-375 d.C). A opção por esses governantes é devido ao fato de terem sido proclamados diretamente pelo Exército Romano e, apesar de outros imperadores terem sido selecionados e legitimados por essa força armada, em nossa compreensão, o Príncipe iliriano e o Príncipe panoniano foram os exemplos mais notórios daquela situação.

Em virtude de melhor analisarmos tais pontos, iniciamos nosso trabalho fazendo um tratamento documental das obras escolhidas para análise e a interpretação de dados biográficos de seus autores. No primeiro capítulo do trabalho voltamos nossa atenção para a história de vida de cada autor, ressaltando tanto os pontos que possuíam em comum, como os que se distanciavam. Dessa maneira, pudemos compreender o ambiente em que construíram seus conceitos, uma vez que acreditamos que o presente vivido dos escritores influenciava seus ideais.

A partir desse estudo, partimos para a análise dos conceitos de *Realeza* de Temístio e de Amiano, respectivamente no segundo e no terceiro capítulo. Durante o segundo capítulo partimos da análise dos panegíricos do filósofo e da discussão historiográfica para compreendermos como o autor entendeu a *Realeza* em seu período. Ao longo da discussão procuramos observar como a interação dos romanos com outros povos influíram na elaboração de sua concepção sobre a *Realeza*.

[2] Segundo Gilvan Ventura da Silva, *Protector domestici*, um 'burocrata a serviço dos comandantes militares', eram auxiliares de campo de um general, sendo assim, responsáveis pela atualização dos efetivos militares disponíveis, pela supervisão do abastecimento das tropas e pelo desempenho de missões especiais. (SILVIA, 2007:168).

[3] O Imperador Joviano nasceu no ano de 331 d.C. na região da Ilíria, mais especificamente em Singidunum, tendo morrido no ano de 364 d.C.

[4] O Imperador Valentiniano I nasceu em 321 d.C., na Panônia e morreu em 375 d.C.

Assim como no terceiro capítulo, ao nos debruçarmos sobre a obra de Amiano Marcelino, buscamos perceber como a confluência de novas identidades, entre romanos e *bárbaros*, convergem no ideal de *Realeza* do militar. Tudo leva a crer que esse conceito em Amiano esteja vinculado ao processo de sucessão Imperial, o qual narra com riqueza de detalhes.

No quarto, e último capítulo, partimos para uma análise comparativa, na qual buscamos traçar as confluências e as divergências dos conceitos sobre *Realeza* de Temístio e Amiano Marcelino, o que destacaremos mais adiante nesse artigo. Para tanto nos foi imprescindível conhecer muito bem o pensamento dos dois contemporâneos a esse respeito, o que fizemos nos capítulos anteriores. De forma que, nesse último capítulo, tivemos condições de analisar os constructos identitários que existem entre os dois autores.

Ainda no último capítulo, examinamos como ambos os autores tardo-antigos observaram o governo de dois Imperadores eleitos pelo Exército barbarizado: Joviano e Valentiniano I.

A Realeza em Temístio e Amiano Marcelino

Como bem destacou Jean Michel-Carrié na introdução de seu livro L'Empire *romain em mutation*, de 1999, o mundo antigo vivia uma nova experiência. Dentre elas observamos a confluência de antigos valores morais e de conduta se misturar com as novas configurações e necessidade do Império Romano. Em meio ao século IV d.C. vemos novos parâmetros na disposição sociopolítica de Roma, na qual o Exército ganha ainda mais destaque, o estrangeiro se sobressalta no serviço militar romano e o culto aos Deuses começa a dividir seu espaço com a adoração do Deus Cristão.

Nessa conjuntura, plena de ideias híbridas, é que se insere os panegíricos de Temístio e a obra *Res Gestae* de Amiano Marcelino. Ambos os autores são do Império Romano Oriental, o primeiro da região da Paflagonia, hoje pertencente à Turquia; já o segundo nato na Antioquia, que atualmente compõe a Síria.

Ainda nesse quesito, notamos que por terem sido criados na parte oriental do Império, falam, escrevem e compreendem a língua grega. Mas, por diferentes caminhos tomados em suas trajetórias de vida, Temístio compôs seus discursos em seu idioma nativo, enquanto Amiano escreveu sua narrativa em Latim, a linguagem empregada pelo

Exército Romano. O filósofo, embora direcionasse seus discursos aos Imperadores de Roma, não o fazia na língua latina e alegava pouca fluência nesse idioma.

Os dois autores tardo-antigos trabalhados, possuem outras características em comum. Tanto um como o outro tiveram uma formação dentro da cultura clássica e da retórica; nasceram e foram criados dentro dos costumes não cristãos, embora acreditemos que, de certa forma, tiveram contato com os diversos cristianismos da época, pois todo esse conjunto político-religioso fazia parte de seu tempo; provinham de famílias abastadas, às quais deram todas as condições para crescerem nas profissões escolhidas por cada um deles.

O pai de Temístio, Eugênio, também filósofo, lhe legou uma grande admiração pelos filósofos gregos Aristóteles e Platão, e sabemos que seu avô foi reconhecido na corte de Diocleciano pela mesma profissão. Com tais antepassados, e com muito estudo, tendo seu pai e diferentes tutores como professores, Temístio se destaca em seu ofício, angariando a atenção dos Imperadores, os quais o convidaram a participar de seus governos.

Quanto à família de Amiano Marcelino, pouco sabemos. E. A. Thompson (1947) contempla a questão da descendência do autor da *Res Gestae*, e sugere que o historiador descende de uma família nobre, tendo pouco a se preocupar com dinheiro, teria chegado a essa conclusão por trecho da obra do militar que destaca a sua preocupação com a posição dos *curiales*, e de outra passagem que demonstra seu pouco contado com árduas atividades. (THOMPSON, 1947:02).

Porém, como já sabemos, os dois autores escolheram carreiras distintas para se dedicarem. Temístio se tornou, assim como seu pai e avô, um filósofo e panegirista, tem em seu nome obras filosóficas e diversos discursos, públicos ou particulares. Enquanto Amiano aproveita seu *status* social e adentra na vida militar no seio dos *protectores domestici*, órgão com grande prestígio social; em outras épocas, alguns dos comandantes dessa ordem militar alcançaram o maior cargo administrativo: o de Imperador de Roma; foi o caso de Diocleciano, Constâncio Cloro e Joviano.

Em seus diferentes trabalhos, eles se destacaram: um chegou às altas cúpulas do Senado de Constantinopla e adentrou na prefeitura dessa região, por convite do Imperador Teodósio, esta cidade foi adotada pelo filósofo, a qual defendeu arduamente em seus panegíricos. O outro, defensor ferrenho de Roma, cidade a qual se instalou para

terminar seu trabalho, até onde sabemos não adentrou para vida pública, embora tenha escrito uma obra nos parâmetros ditados pela política.

Os dois advogavam a favor dos Deuses, todavia Temístio acreditasse num Deus supremo o que não nos parece ser o caso de Amiano, de forma que divergiam da maioria dos Imperadores que presenciaram no poder. O único governante que praticou o culto aos Deuses, como eles, foi Juliano, e, no entanto, não encontramos, nesse quesito em específico, uma concordância dos autores tardo-antigos com todos os métodos empregados por este Imperador não cristão.

No que se referem à *Realeza*, buscamos entender o ponto de vista dos dois, do filósofo Temístio e do militar Amiano Marcelino, uma vez que encontramos em seus escritos preocupações semelhantes, destacando uma esfera de pensamento do momento vivido por eles. Sublinhamos que muitos autores da Antiguidade Tardia se detiveram nessa questão, não sendo privilégio nem do paflagoniano, nem do antioquiano, porém como mencionamos previamente faz-se original a ideia aqui desenvolvida: a comparação do conceito de Realeza de Amiano Marcelino e de Temístio. Assim, compreendemos que não estamos abordando um todo, mas sim um fragmento do que se pensava a respeito da conduta de um governante imperial no século IV d.C.

Tanto Temístio como Amiano, possuem suas particularidades em seus pensamentos sobre a *Realeza*, porém é possível identificar pontos em que seus ideais convergem, já que, como analisamos anteriormente, tiveram um início de vida bastante semelhante. Ou melhor, por compartilharem uma cultura e identidade comum. (SABBAH, 1978:350). Da mesma forma, encontramos divergências em alguns segmentos desse ideal.

Antes de adentrarmos nas convergências e divergências do filósofo e do militar em relação ao conceito da *Realeza*, cabe ressaltar que ambos escreveram em momentos diferentes. Enquanto Temístio se dirigia diretamente à pessoa do Imperador, na época de seu reinado, o autor militar escreveu sua História anos após o governo daqueles que eternizava com suas palavras. Tudo leva a crer que Temístio escreveu no calor do momento e precisava medir suas palavras para não perder sua posição; enquanto que Amiano teve a liberdade de registrar os fatos com mais reflexão do que o filósofo, pois os narrou anos depois dos acontecimentos. Dessa forma, analisamos entre outras

características ideológicas como cada um se posicionou, tendo em vista a diferença de tempo em que redigiram seus escritos.

Um estudioso da obra de Amiano Marcelino, Guy Sabbah, analisa em seu trabalho, La Méthode d'Ammien Marcellin*: Recherches sur la construction du discours historique dans les Res Gestae* (O Método de Amiano Marcelino: Estudos sobre a construção do discurso histórico da *Res Gestae*) de 1978, a influência que os discursos de Temístio tiveram nos escritos do militar antioquiano. Dentre seus apontamentos, ressalta que os discursos do filósofo eram "designados como um testemunho político impossível de ser negligenciado por um historiador" (SABBAH, 1978:349); continua seus estudos detalhando as coincidências de expressões e a presença de exemplos análogos.

Nesse momento, não nos voltaremos às semelhanças dos escritos de ambos os autores, no entanto buscaremos observar a correlação deles no que tange o pensar a *Realeza*. Em torno desse quesito, encontramos alguns pensamentos intrínsecos tanto em um quanto no outro, como é o caso das virtudes e da tolerância religiosa.

No tocante às qualidades morais necessárias a um bom governante, percebemos que os dois gregos concordam. Ambos acreditam que o Imperador deveria ficar distante dos vícios, pois estes poderiam levá-lo à crueldade e à tirania, aspectos abomináveis em administradores imperiais. Salientam características como a humanidade, bem presente no pensamento temistiano, a temperança, a moderação, a clemência, a generosidade, a equidade, entre outras. Dessa forma, observamos o desenhar de constructos identitários entre Amiano e Temístio.

Para Temístio, "A vida será esplêndida e feliz quando surgir um rei jovem, temperante, dotado de boa memória, valente, generoso e alerta". (TEMÍSTIO, *Disc.* III, 46a). O filósofo tomou emprestadas essas palavras de Platão, e buscou a todo tempo levá-las aos governantes, relembrando-os sempre de suas responsabilidades para com seus súditos. Da mesma forma, vemos na narrativa de Amiano, anos após, a valorização de semelhantes virtudes.

> Ele era um homem (Juliano) verdadeiramente a ser contabilizado juntamente com os espíritos heroicos, distinguido por seus feitos ilustres e sua inata majestade. Para tanto existe, na opinião dos filósofos, quatro principais virtudes, moderação, sabedoria, justiça e coragem e correspondentes a essas também algumas características externas, como o conhecimento da arte da guerra, autoridade, boa sorte, e

liberalidade, estas como um todo e separadamente eram cultivadas por Juliano com constante zelo. (AMIANO MARCELINO, *Hist.*, XXV, 4, 1).

Nessas medidas, acreditamos que seus ideais giravam em torno dos mesmos valores de boa conduta. Os dois, filósofo e militar, acreditavam na ascensão imperial por meio da escolha divina; Deus escolheria o futuro governante na terra por intermédio dos homens responsáveis pela eleição imperial. Porém, cabe salientar que, para Temístio, era uma intervenção direta do Deus supremo enquanto que em Amiano há somente uma inspiração dos Deuses.

Assim, cabiam aos então detentores do poder imperial atuarem em conformidade com as virtudes, demonstrando, aptidão para o serviço designado: cuidar das pessoas que vivem em seu território.

Nos discursos de Temístio, tais ideias são abordadas diretamente, e o autor vai adiante mostrando que o Imperador deveria ser a imagem e semelhança de Deus na terra, para tanto deveria se espelhar nas qualidades do Soberano universal. Pois, os governantes eram os únicos capazes de colocar em exercício as virtudes divinas, principalmente a philantrōpía ou humanidade, que só podiam ser apreendidas pelos filósofos, não aplicadas.

Diferentemente, Amiano não aborda o tema diretamente, mas deixa entrever em seu texto suas preocupações e o seu entendimento sobre os valores morais esperado a um imperador. Percebemos na leitura da *Res Gestae*, que o autor abomina a crueldade, e sendo assim contrapõe as atitudes virtuosas com as ações excessivas dos imperadores, demonstrando quais consideravam dignas ao bom príncipe e quais o tornavam cruel, um tirano. Para o militar, os Deuses inspiravam a escolha do governante na terra, porém era exclusivamente responsabilidade do escolhido se manter à altura do cargo designado a ele.

Notamos uma minúcia que diferencia o pensamento dos dois autores gregos, enquanto Temístio acredita que o governante deveria se espelhar no Senhor dos céus, Amiano, diferentemente, coloca o Imperador como responsável pelo seu autocontrole e, no máximo, dá exemplos de antigos imperadores bem-sucedidos, como Marco Aurélio. Dessa forma, acreditamos que para o antioquiano o Imperador não era a imagem e

semelhança de nenhum Deus. Cabe destacar, que não percebemos em nenhuma passagem de Amiano a referência de um Deus supremo, superior a outros deuses.

Durante a análise dos ideais de cada autor grego, notamos que ambos eram contra a violência em torno da religiosidade. Tanto Temístio como Amiano se posicionam a favor de uma Tolerância Religiosa, isto significa ser um traço identitário muito importante. O filósofo defende abertamente em seus discursos aos Imperadores a relevância para o bem social de se manter uma postura de respeito a todas as formas de adoração a Deus. Como podemos ver na passagem que segue:

E com isso atua a imitação de Deus que com toda a intenção fez da piedade inclinação comum à natureza humana, mas a forma de praticar o culto a deixou à vontade de cada um. Quem, pelo contrário, introduz a coação arrebata a liberdade que Deus nos há concedido. (TEMÍSTIO, *Disc.* V, 68a-b).

E de forma um pouco peculiar, vemos Amiano defender a liberdade de culto. No que tange à religiosidade, o militar procurou abster-se, mesmo porque não era sua intenção fazer uma história da religião. Mas como fruto de seu tempo, o autor acaba por mostrar em alguns pontos de seu trabalho seu posicionamento em torno dessa questão. Um exemplo marcante é sua crítica ao Imperador Juliano, governante esse que o militar tardo-antigo nutria uma intensa admiração. Visto o excerto abaixo, episódio ocorrido durante o governo de Juliano:

Jorge, bispo de Alexandria, juntamente com outros dois, são arrastados pelas ruas por não cristãos de Alexandria, cortados em pedaços, e queimados até virar cinzas; e ninguém foi punido por isso. (AMIANO MARCELINO, *Hist.*, XXII, 11).

Amiano, em outros momentos de sua narrativa, discorda de algumas atitudes tomadas por Juliano, como a promulgação da lei que impede cristãos de lecionarem, ou quando simplesmente não dá atenção a um caso de assassinato de um cristão pelas mãos de não cristãos, deixando os culpados sem a devida punição. Tais descrições por parte do historiador militar nos leva a pensar que era importante a interferência dos administradores imperiais nos quesitos da fé, para a manutenção da paz interna; porém, era necessário respeitar os cultos e as escolhas de cada um.

Tudo indica que um dos mais fortes constructos identitários entre Amiano Marcelino e Temístio seja a tolerância religiosa.

Dessa forma, percebemos que ambos os autores tardo-antigos se pronunciaram a favor da liberdade de culto. Pois, ao que tudo indica as obrigações dos governantes do Império Romano, na visão dos autores gregos, girava em torno do bem estar da população, para tanto na prática constante das virtudes e outros atributos condizentes com o cargo de Imperador.

No que concerne à questão do elemento estrangeiro, notamos que há convergências e divergências entre os dois escritores: Temístio e Amiano Marcelino. Ambos demonstram em seus escritos uma preocupação quanto à política aplicada ao *bárbaro*. Enquanto o filósofo esboça uma linha de raciocínio parecida com a utilizada na defesa da multiplicidade de cultos religiosos, o militar rechaça uma política aberta de assimilação e tolerância dos não romanos.

O historiador contemporâneo Peter Heather, em seu capítulo "The Barbarian in Late Antiquity: image, reality and transformation", de 1999, contempla a imagem que os romanos faziam dos bárbaros. Para o autor britânico, Temístio sublinha no discurso X, A Valente pela paz, a autoimagem da elite romana, a qual "seriam mais racional que os bárbaros de além fronteira". Sendo que a racionalidade nesse contexto significa a "habilidade individual de controle das paixões do corpo pelo exercício do intelecto." (HEATHER, 1999:236).

No trecho do discurso de Temístio, referido por Heather, encontramos mais que o exposto pelo historiador britânico. O filósofo grego aponta os elementos característicos dos bárbaros, como a rebeldia e a arrogância, a cólera e os apetites insaciáveis, mas não isenta um romano de possuir tais características. Mais adiante, destaca o dever do Imperador de "salvar os bárbaros, ou aqueles que seriam diferentes dos romanos, e respeitá-los na ideia de que formam parte do Império." (TEMÍSTIO, *Disc.* X, 131d).

> Platão, em definitivo, me parece admirável nesse ponto, mas ainda mais quando nos ensina que em cada alma existe um princípio de semente da guerra e da paz, e quem é capaz de viver em paz consigo mesmo também o é com seus inimigos externos, enquanto que a quem se resulta impossível concordar uma trégua consigo mesmo dificilmente se satisfaria com um armistício entre diferentes povos. Em cada qual existe, em efeito, um princípio bárbaro, tremendamente arrogante e rebelde. Refiro-me à cólera e aos apetites insaciáveis (...). Essas paixões, mesmo quando se levantam contra nossa melhor parte, não são possíveis

nem convenientes extirpá-las de todo, pois a natureza a há plantado na alma para nosso proveito (corresponde à virtude torná-la submissa e dócil a parte racional). É igualmente tarefa dos monarcas que honras seu nome não cortar a raiz, na hora de submeter os bárbaros rebeldes, de tudo que é parte integrante da natureza humana, mas, diminuindo sua arrogância, salvando-os e respeitando-os na ideia de que formam parte do Império. (TEMÍSTIO, *Disc.* X, 131b-d).

Nesse ínterim, compreendemos que, para Temístio, era possível adaptar o estrangeiro entre os romanos, bastava ensinar a racionalidade romana detentora de um autocontrole capaz de submeter às paixões do corpo a racionalidade da mente. Como Heather, conseguimos perceber nessa passagem os atributos distintivos entre romanos e bárbaros no conceito temistiano, seria: a racionalidade. Para o filósofo grego, a diferença marcante entre o povo descendente de Roma e os outros povos está na capacidade de autodomínio.

Quanto a Amiano, percebemos duas concepções sobre o elemento bárbaro: uma vai ao encontro da de Temístio, quando Amiano faz uma separação entre os próprios elementos estrangeiros. Para o militar uns são adaptáveis ao Exército romano e outros não são, os adaptáveis são aqueles que possuíam a capacidade de negociar com os romanos, no que diz respeito aos não adaptáveis Amiano ressalva sua ojeriza a esses últimos.

O envolvimento do historiador tardo-antigo no corpo bélico do Império Romano é nítido em toda sua obra, assim como sua repulsa pelos não romanos que perturbavam a ordem do Império em que vivia está clara. Embora Amiano denigra o *bárbaro*, ele, também, está preocupado com a manutenção do contingente militar para a defesa do *limes* romano. Sendo assim, notamos seu interesse em angariar e manter os soldados que lutavam pela causa do Império Romano, sejam eles romanos ou não.

Como destacou Pat Southern e Karen R. Dixon em seu livro *The Later Roman Army*, de 1996, o recrutamento daqueles nascidos em diferentes povos ocorria de três formas distintas, sendo elas: por vontade própria, onde estrangeiros se alistavam mediante acordos; condições de acordos de paz e como prisioneiros de guerra. (SOUTHERN e DIXON, 1996:70). Na passagem que segue abaixo, o militar antioquiano nos indica uma das condições impostas pelos romanos para firmamentos de tréguas: a

entrega de reféns aptos ao serviço militar. Além dessa observação, podemos notar que era uma prática benéfica ao Império Romano.

> Depois de uma longa discussão, ao que tudo indica para o interesse do Estado, concordaram com uma trégua. Assumindo as condições propostas pelo acordo, os Saxões deram como refém muitos homens aptos ao serviço militar para, assim, estarem autorizados a partir, sem impedimentos. (AMIANO MARCELINO, Hist., XXVII, 5,4).

Deste modo, acreditamos que, para Amiano era interessante a utilização dos serviços militares estrangeiros, até mesmo em comandos, porém não era a favor de uma política de assimilação. Uma vez que, para o antioquiano os bárbaros que não aceitassem e aderissem aos costumes romanos sem questionamentos, deveriam ser expulsos e/ou mortos.

Logo, percebemos uma diferença entre os pensamentos dos dois autores gregos, no que se refere à postura diante dos bárbaros. Enquanto o filósofo achava que o governante deveria se importar com todos os homens habitantes da terra, o militar acreditava que o Imperador deveria preocupar-se somente com aqueles que contribuiriam com a manutenção do Império romano. Em nossa opinião, o pensamento de Temístio é típico de um funcionário da corte imperial que ocupa uma posição nos meandros das organizações públicas, enquanto que Amiano tinha outra visão já que, por ter atuado nos campos de guerras, presenciou diretamente os ataques dos povos bárbaros inimigos (não adaptáveis ao domínio político romano).

Outro constructo identitário a ser destacado é o fato dos nossos autores estarem muito próximos ao poder imperial: Temístio sempre esteve perto dos imperadores, de Constâncio II a Teodósio, e o agente do serviço de inteligência militar Imperial, Amiano, esteve bastante ligado a Constâncio II e Juliano. Tal fato nos conduz pensar que ambos reforçavam a ideia de manutenção do território político-geográfico romano.

Assim, em meio a essa efervescência do momento, percebemos convergências e divergências no pensamento sobre a Realeza de dois autores da Antiguidade Tardia: um militar, Amiano Marcelino, e um filósofo, Temístio. Embora se possa pensar que soldado e pensador nada têm em comum, encontramos nesses dois escritores do século IV d.C.

pontos similares em seus ideais, sobretudo na importância da virtude e da tolerância religiosa; tais questões se fazem, ainda, atuais.[5]

Bibliografia

Fontes

MARCELLINUS, Ammianus. *History*. With an english translation by John C. Rolfe. London: The Loeb Classical Library, 1982, 3v.

TEMISTIUS. *Discursos Políticos*. Con traducción al español de Joaquín Ponce Ritore. Madri: Gredos, 2000.

Obras Gerais

BARNES, T. D. *Ammianus Marcelinus and the Representation of Historical Reality*. New York: Cornell University, 1998.

CARRIE, J-M.; ROUSSELLE, A. L'empire romain en mutation: des Sévères à Constantin 192-337. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

CARVALHO, M. M. Temístio, o imperador Juliano e a discussão em torno do conceito de realeza no século IV d.C. *Revista História*, Universidade Federal de Goiás, v. 11, n. 1, jan/jun. 2006.

_____. *Paidéia e Retórica no Século IV d.C.:* A Construção da Imagem do Imperador Juliano Segundo Gregório Nazianzeno. Anablume: São Paulo, 2010.

DAGRON, G. L'empire romain d'Orient au IVe siècle et les traditions politiques de l'hellénisme : le témoignage de Thémistios, *Travaux et Mémoires*, vol. 3, 1968, p.1-242.

DRIJVERS, J. W.; HUNT, D. *The Late Roman World and its Historian: Interpreting Ammianus Marcellinus*. London and New York : Routledge, 1999.

ERRINGTON, R. M. *Roman Imperial Policy from Julian to Theodosius*. The University of North Carolina Press, Chapel Hill, 2006

FUNARI, P. P. A. *Antiguidade clássica:* a história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1995.

HEATHER, P. Themistius : A political philosopher. In.: WHITBY, Mary. *The propaganda of Power:* The Role of Panegyric in Late Antiquity. Leiden: Brill, 1998.

_____. The barbarian in late antiquity: image, reality, and transformation. In: MILES, Richard. *Contructing Identities in Late Antiquity*. London: Routledge, 1999, p.234-258.

[5] Gostaria de mostrar aqui minha gratidão ao Professor Doutor Norberto Luiz Guarinello e à organização do IV encontro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo (LEIR-MA/USP), *Processos de Integração no Mediterrâneo Antigo: Aceleração e Crise*, pela oportunidade de apresentação e publicação de minha pesquisa. Agradeço, também, à Professora Doutora Margarida Maria de Carvalho pela exímia orientação e aos Professores Cláudio Umpierre Carlan e Carlos Augusto Ribeiro Machado pela contribuição dada ao texto. Cabe ressaltar que as ideias aqui expostas são de responsabilidade única da autora.

_____; MANCOUR, David. *Politics, Philosophy, and Empire in the Fourth Century: select Orations of Themistius*. Liverpool: Liverpool University Press, 2001.

JENKINS, K. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2004.

JONES, C. P. Themistius and the Speech to the King. *Classical Philology*. Vol. 92, no. 2, 1997, pp. 149-152.

LENSKI, N. The Election of Jovian and the Role of the Late Imperial Guards. *Klio*, v. 82, no. 2, 2000, pp. 492-515.

_____. *Failure of Empire*: Valens and the Roman State in the Fourth Century A.D., Berkley: University of California Press, 2002,

MARROU, H-I. *Decadence Romaine ou Antiquité Tardive?* Paris: Éditions du Seuil, 1977.

MILLAR, F. Emperor at Work. *The Journal of Roman Studies*. V. 57, no. 1/2 1967, pp. 9-19.

_____. *The Imperor in the Roman World*. London: Duckworth, 1977.

PONCE, J. R. La Clemencia del Monarca y la Insuficiencia de la Ley en la antigüedad Tardía: El Testimonio de Temistio. *Habis*, no. 33, 2002, pp. 507-520.

SABBAH, G. La Méthode d'Ammien Marcellin: Recherches sur la construction du Discours Historique dans les *Res Gestae*. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

_____. Ammianus Marcellinus. In.: MARASCO, G. *Greek & Roman historiogrphy in Late Antiquity*. Leiden:Brill, 2003.

SEAGER, R. *Ammianus Marcellinus: Seven Studies in His Language and Thought*. Columbia: University of Missouri Press, 1986.

SILVA, G. V. (org). *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Vitória: EDUFES, 2006.

_____. História, verdade e justiça em Amiano Marcelino. In: JOLY, Fábio (org). *História e Retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo, Editora Alameda, 2007. p.165-182.

SOUTHEM, P.; DIXON, K. R. *The Late Roman Army*. New Haven: Yale, 1996.

STERTZ, S. A. Themistius: A Hellenic Philosopher-Statesman in the Christian Roman Empire. *The Classical Journal*, vol. 71, no. 4, 1976, pp. 349-358.

THOMPSON, E. A. *The Historical Work of Ammianus Marcelinus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1947.

VANDERSPOEL, John. *Themistius and the Imperial Court: Oratory, Civic Duty, and Paideia from Constantius to Theodosius. Michigan: University of Michigan Press, 1996*

VEJA, María José Hidalgo de La. *El Intelectual, la Realeza y el Poder Político en el Imperio Romano*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.